



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10393 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

POÉTICA INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE GEOCULTURAL:
APRENDIZAGENS COMPLEMENTARES NO ENCONTRO ENTRE MUNDOS

Carine Josiéle Wendland - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: PROSUC/CAPES

**POÉTICA INTERCULTURAL NA UNIVERSIDADE GEOCULTURAL:
APRENDIZAGENS COMPLEMENTARES NO ENCONTRO ENTRE MUNDOS**

RESUMO

Ao problematizar como as relações interculturais entre indígenas e não-indígenas produzem uma poética na educação, a presente escrita apresenta reflexões acerca do (re)conhecimento de uma poética intercultural presente nestas relações e nas transformações e aprendizagens emergidas no processo de estar-sendo pesquisadora. O estudo pauta-se na interlocução entre a educação e a psicologia analítica e as relações interculturais do mundo comum, em especial, no solo da América Profunda. O caminho metodológico qualitativo, pautado numa fenomenologia autoetnográfica ao encontro do escutar intercultural, caminha em experiências com os indígenas via ensino, pesquisa e extensão. Uma vinculação, portanto, a um estar-sendo que se faz com outros e com o sensível em sua capacidade humanizadora de *ser e fazer ser* alma no mundo.

Palavras-chave: Educação. Poética intercultural. Aprendizagens.

Em presença no mundo

Cresci sob o mesmo céu que indígenas também cresceram. Um céu que ameaça cair quando da não unicidade de quem está abaixo dele. Estou num lugar de não-indígena, de *juruá*, *napëpë*, *fóg* e *pariwat*^[1] ou quiçá outro ainda. Nesse meu mundo de raiz ocidental, há uma pequenez e uma rasidão quando da não convivência com outros mundos. E, por andarmos cheios de nosso mundo e vazios de outros, necessitamos criar e expandir mundos com outros em linguagem.

O mundo que trago é a partir de Nancy, como o “que no quiere decir otra cosa, nada

más que esta «nada» que nada puede «querer decir», pero lo disse todo: el ser mismo como valor absoluto en sí de todo quanto es” (2006, p. 19). O mundo em si, como lugar que ao não dizer nada, diz tudo. Não se trata, pois, do indivíduo, mas do sempre do mundo, da consciência e da relação. América profunda vem, portanto, como solo e mundo de possibilidades de convivência.

O indígena Ailton Krenak (2019) aponta para um fim de mundo, pregado pelos não-indígenas, como possibilidade de fazer os indígenas desistirem de seus sonhos. Isso acontece porque um dos mundos, que se considera primeiro e único, uma espécie de “humanidade zumbi” como se refere, “não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (p. 13). Mas é no entre destes mundos, onde habita o sensível, que emerge a alma da convivência. Ela está no entre da relação, marcada por um conflito, uma diferença, mas também afeição e alteridade no “embate do inesperado sobre o esperado, da fricção sobre a quietude, a existência do outro na presença de um” (SKLIAR, 2011, p. 31). É quando se questiona: como as relações interculturais entre indígenas e não-indígenas produzem uma poética na educação? E na universidade geocultural?

Questionar e investigar, sobretudo, é como caminhar, “solo se aprende caminando, a investigar, solo se aprende investigando; la investigación aparece así como un acto de alteridad, que permite el encuentro dialogal de nosotros, con los mundos de vida de los otros” (GUERRERO ARIAS, 2012, p. 214). E estar-sendo pesquisadora ou cientista pós-abissal é perpassar o abismo e o vácuo entre dois extremos, na busca por alteridade.

É no estar *com* - quando a alteridade pressupõe sua relevância -, que o “alter” que é o outro, em convivência, desaparece (SKLIAR, 2011). A alteridade no ato de pesquisar reverbera em aprendizagens na reflexão da presença/ausência dos indígenas na formação e sua convivência numa universidade geocultural que aproximam os mundos ao estar-sendo em ensino, pesquisa e extensão.

A expansão do mundo para outros mundos, tem provocado um alargamento de sentidos do meu estar-sendo pesquisadora na própria alma do mundo. A partir de Octávio Paz (1982, p. 46) Richter (2005, p. 197) diz que “distrair-se é ser atraído ‘pelo reverso deste mundo’” e quando “se entrevê a existência de mais algum real, a distração a um mundo é concentração em outro. É o *ver como* da aparição” fenomenicamente. Atentar-me-ei, aqui, a pensar nas relações dos modos de *ser* humano e na emergência de aprendizagens advindas desse *fazer* epistêmico e de alma de mundos reversos.

Sul da pesquisa

Em contraponto ao habitual norte de tudo, nos encaminhamos para o reverso do mundo. Boaventura (2019) difere o Norte do Sul com a linha abissal, afirmando, face à supremacia do Norte, as epistemologias do Sul. Agora, busquemos apenas analogamente o Sul como rumo de pesquisa para desnaturalizar a escolha recorrente pelo termo Norte como primeiro e único mundo.

O Sul, aqui, não está necessariamente numa relação vertical ou horizontal, mas nos entres dos mundos, que é onde também está o sensível: uma mão ao tocar também é tocada. Para tanto, metodologicamente, parto de uma fenomenologia autoetnográfica, em específico de uma escuta intercultural na relação entre indígenas e não-indígenas que se relacionam com epistemologias^[2] do fazer(se).

Na intenção de vislumbrar a emergência do fenômeno da poética intercultural no processo de pesquisar relações entre indígenas e não-indígenas, o eu pesquisador busca por um Si-mesmo, que é “também a meta da vida, pois é a combinação mais completa dessas combinações do destino que se chama: indivíduo” (JUNG, 1987, p. 358), é um encontro com o estar para ser e se constitui aprendizagem de vida. A poética intercultural pode levar a um Si-mesmo e a um estar-sendo?

Na condição de reconhecer o *nós* como outros, ou do próprio si-mesmo como outro, há não tão somente a expansão de nosso mundo, como a complementaridade de mundos.

Fenomenologia autoetnográfica na universidade geocultural

A interculturalidade, no processo de estar-sendo pesquisadora é entendida como aprendizagem, haja vista a necessidade de uma universidade geocultural que esteja aberta ao pensamento e à interculturalidade. Nesta sequência, “extensão universitária pode, portanto, ser entendida como parte da geopolítica e da geocultura do conhecimento, um *sul epistêmico* que se realiza na ação que supera a *invasão cultural*” (MENEZES, MORETTI, 2018, p. 30). A universidade, ao abrir-se interculturalmente para com outras culturas, trata de um encontro com a geocultura “que reconhece a importância da noção educativa na qual o/a indígena tem como dimensão central buscar as respostas a partir de sua própria cultura” e na qual a cultura é um estar e a interculturalidade “um espaço de aprendizagens e transformações” (p. 26).

É neste percurso (auto)etnográfico, a partir de Rappaport (2007), em conversa com a fenomenologia, que nos deparamos com o pensamento de Rodolfo Kusch baseado em Hartmann de graus sucessivos de investigação: do fenômeno ao que falta ser conhecido, até o que não é conhecível, ou seja, o irracional, o transcendente. Logo, passa pelas áreas fenomênica, teórica e genética. Esta última supõe o centro da vitalidade e faz com que “el observado deja de ser mero objeto y se convierte en sujeto, dado que se refiere a algo existente [...] tiene un proyecto o possibilidade de ser” (KUSCH, 2007, p. 210).

Quando o indígena, até então o *outro* da relação, passa a ser escutado com atenção e a ocupar o lugar de fala, também na universidade, as possibilidades de estar-sendo de indígenas e não-indígenas se ampliam em expansão de mundos. Discorro brevemente alguns movimentos em universidade geocultural que apontam para a relação fundamental entre ensino, pesquisa e extensão de uma universidade comunitária e que permite interlocução de saberes.

No contexto pandêmico provocado pela COVID-19, as relações modificaram-se de maneira instantânea e a demanda por cursos *on-line* cresceu drasticamente, mais ainda a procura por intelectuais indígenas para falas em eventos, palestras e cursos. No ano de 2020, o grupo de pesquisa do CNPq Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade da Universidade de Santa Cruz do Sul promoveu, com parcerias, dois cursos de extensão, ambos com abrangência nacional e internacional, que tiveram alta procura. Os cursos tratavam da perspectiva da morte e do renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira. Um especialmente, teve a cada encontro a participação de intelectuais indígenas em diálogo com profissionais da área da educação e da psicologia visando a sistematização e a relação com as epistemologias indígenas.

A aproximação com os pensares e saberes ameríndios tem se dado cada vez mais como uma experiência que engrandece por seu modo de ser (*ethos*) poético e sua forma de

estar no mundo, que me deixam no lugar de *outra* - inferindo ao termo que estes sempre foram chamados. Um outro que promove o desencadeamento do Si-mesmo.

Aprendizagens complementares no encontro entre mundos

Kusch (2007), lembra que a interculturalidade não acontece apenas no nível entre culturas. Qualquer diálogo é intercultural, nos unimos pela linguagem. Ele reflete que, uma vez que há diálogo, há o problema da interculturalidade, não do grau de culturação, mas no estilo cultural de cada ser, de modo que, o que é dito por um lado, por outro está emaranhado culturalmente, toda *convivência* com qualquer forma de vida é, assim, intercultural.

Estando, portanto, em interculturalidade e como humanos poéticos, capazes de um fazer a partir da *poiesis – poiën*, (VALÉRY, 2007), e assim produzir sentidos na e da educação, estamos numa poética intercultural.

A urgência das relações em poética intercultural está na possibilidade de “tornar possível uma relação dialogal entre os indígenas e nós outros. Para isso é preciso estabelecermos um padrão relacional que consiga encarar as projeções de nossas próprias *sombras*” (FUENTES, 2020, p. 195). Processo que, traz os conteúdos, “até então cindidos devido à projeção, para a esfera da vivência pessoal e, portanto, para a consciência, significando o resgate de parte daquilo que esteve até então inconsciente e se experimentou como oposição” (p. 195).

A educação como interculturalidade é poética, pois diz respeito a um educar-se. Estar- sendo pesquisadora colocou-me em circularidade de sentidos e complementaridade, em aprendizagem e transformação contínuos, em produção de alma, minha e do mundo. Woia Xokleng (2021)^[3], em certo momento dizia que o “professor, ele sai da faculdade com o pensamento quadrado, primeiro porque ele é ensinado para entrar em sala de aula de quatro paredes, então já com a cabeça quadrada”, é necessário encontrar o seu lado poético.

Uma educação poética, pautada numa epistemologia do fazer que lida justamente com o “poético, o sea la *poiesis*, o sea la creación, [que] podría reactualizar el horizonte simbólico del indígena, y por conseguinte reintegrar la totalidad de su existir” (p. 112) para a não “fijación y la uniformización del sentido” (Kusch, 1976, p. 112) numa universidade geocultural se faz imprescindível.

Reflexões (não) finais

A aprendizagem entre indígenas e não-indígenas permeada por conflitos e alteridade é contínua, não se finda, assim como esta reflexão. Viu-se no decorrer da pesquisa com indígenas e não indígenas, no lugar de estar-sendo pesquisadora que o problema da América, como solo habitado por nós, estaria no confronto entre racionalidades para encontrar uma racionalidade mais profunda, mais próxima a nossos conflitos e a interculturalidade encontra-se neste lugar do entre como modo de estar em linguagem e como a própria circularidade de aprendizagem.

Na complementaridade de mundos, de educações, de Nortes e Suis, entende-se que a emergência de saberes advindos dos indígenas para os não-indígenas amplia e expande a compreensão da própria poética intercultural. O estar-sendo frente a supremacia do ser

européu ou do próprio não-indígena viabilizado pela escuta e convivência mobiliza a construção do Si-mesmo e do (re)conhecimento de si como o *outro* da relação.

Há e pode haver uma complementaridade intrínseca entre nós outros e indígenas, todos compartilhando o mundo comum, tal como nos propõe Leonardo Boff com o *ethos* planetário a partir de uma ética do cuidado. Nesta ambivalência complementar no cuidado com o *alther* (outro) em convivência, o que dá conta da vida humana é justamente a sensibilidade, as emoções e o afeto pautados numa razão cordial, que transcende o *logos* (conhecer) pelo *pathos* (sentir). O cuidado é um modo de ser, é com e não sobre, é mais profundo e originário (BOFF, 2008) e expande mundos.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Patricio Guerrero. *Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes, la frialdad de la teoría y la metodología*. Revista Sophia: Colección de Filosofía de la Educación. N° 13. Quito: Editorial Universitaria Abya-Yala, 2012.

BOFF, Leonardo. *A busca de um ethos planetário*. In: BOFF, Leonardo; et al. *Perspectiva Teológica*. Ano 40, n° 111. 165-179, 2008.

FUENTES, Lygia Aride. Nós outros: um diálogo entre o perspectivismo ameríndio e a psicologia de C. G. Jung. In: OLIVEIRA, Humberto (org). *Morte e renascimento da ancestralidade indígena na alma brasileira: psicologia junguiana e inconsciente cultural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1987.

KUSCH, Rodolfo. *Geocultura del hombre americano*. Buenos Aires: Coleção Estudos Latinoamericanos, 1976.

KUSCH, Rodolfo. *Obras completas - tomo III*. 1. ed., v. 3- Rosário: Fundación A. Ross, 2007.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

MENEZES, A. L. T; MORETTI, C. Z. *Aprendendo com os guarani: geocultura através do ensino, pesquisa, extensão na universidade comunitária*. Revista Sinergias - Diálogos educativos para a transformação social. Janeiro 2018, n.º 6.

NANCY, Jean-Luc. *Ser singular plural*. Madrid: Arena Libros, 2006.

Povos Indígenas no Brasil Mirim. *Quem são os brancos*. Disponível em <<https://mirim.org/pt-br/quem-sao-os-brancos>> Acesso: 24 mai. 2021.

RAPPAPORT, Joanne. *Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración* Revista Colombiana de Antropología, vol. 43, enero-diciembre, 2007, p. 197-229 Instituto Colombiano de Antropología e História. Bogotá, Colômbia.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. *O sensível sob o admirar filosófico*. Educação e Realidade. Jul/dez 2005, p. 187-202.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral de (org). *Políticas públicas, movimentos sociais: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011.

VALÉRY, Paul. *Primeira aula do curso de poética*. In: VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 179-192.

[1] Nomes dados pelas diferentes etnias ao não-indígenas (Povos Indígenas no Brasil Mirim).

[2] Do grego episteme: conhecimento, ciência; e logos: discurso, razão. Otrazido neste trabalho é uma epistemologia pautada na razão da intuição e de outros níveis de racionalidade.

[3] ESCUTA POÉTICA. *Rodas Poéticas V – inclusão da cultura indígena na educação básica*. 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gtS1x1RSu7c>> Acesso em: 23 mar. 2021.